ROMANCE COLLECTION



VENDIDA AOS 15 ANOS

FERNANDA KENMORE

Vendida aos 15 anos

Copyright ©2023 Fernanda Kenmore

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares
e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor.
Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais
é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios tangíveis ou intangíveis sem o consentimento escrito da autora.
A violação de direitos autorais é crime estabelecido pela lei N.º 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Vendida aos 15 anos

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26

Vendida aos 15 anos

Capítulo 1

A pergunta era, “até quando Luísa suportaria toda aquela aflição e tormento?”

O que mais ela poderia fazer para melhorar sua situação? ela se perguntava. Guardando cuidadosamente os livros dentro da mochila, ela conta até três e o sinal que anunciava o fim da aula, soou forte em seus ouvidos. Para ela, cada minuto era cronometrado, nenhum desperdício de tempo seria tolerado a fim de evitar situações piores das que ela vive diariamente.

Apressando os passos e concentrada em sair daqueles corredores lotados por alunos com a mesma pressa, ela não podia ser insensível ao que acontecia em sua volta, os olhares pertinentes dos jovens rapazes, os comentários ousados de alguns e a admiração das garotas, mas sempre havia duas ou mais que a olhavam como se quisessem lhe eliminar com os olhos. Ela poderia se sentir constrangida, mas já tinha até se acostumado com tal assédio.

O que Luísa não se dava conta, era que era uma jovem cheia de qualidades e entre elas estava a sua beleza sem igual, uma raridade. Seus olhos cor de mel brilhantes e grandes era o que mais chamava atenção em seu rosto, porque seu olhar era uma mistura de serenidade e inocência, um olhar sincero e tranquilo. Mas seus olhos não eram tudo, seu rosto fino, a pele parda clara, os lábios volumosos bem desenhados e corados, um queixo fino e nariz perfeito. O complemento de um rosto lindo e atraente eram seus longos cabelos castanhos claros que dançavam no ar enquanto caminhava, suas longas e bem torneadas pernas se moviam com leveza e elegância, uma cintura fina e busto de tamanho ideal para seu corpo fino e curvilíneo. Era de se esperar que tal beldade não passasse despercebida aos olhos daqueles em sua volta, mas isso ela não percebia, apesar de ter seus quinze anos, a vida que Luísa levava não lhe dava tempo e nem estrutura para prestar atenção em tais detalhes.

Quando o ônibus estaciona, ela se apressa para alcançar a porta de trás, poucas pessoas subiam por ela, o que lhe assegurava um assento livre. O trajeto até sua casa duraria em torno de vinte a trinta minutos, tempo que ela aproveitava para fazer sua tarefa de casa. Calma, Luísa, faltavam apenas um ano e meio para o fim do ensino médio! Pensou ela. O que ela faria depois que aquela luta acabasse? Ela já tinha uma ideia, e olha que ironia, seu trabalho de casa era exatamente sobre o assunto, uma redação com o título “O fim do ensino médio e os caminhos a seguir”, um tema bastante interessante e inabitual.

Quando ela se preparava para escrever suas primeiras linhas, ela exitou. Não seria tão fácil explicar os caminhos a seguir, que se resumiam em ir embora para bem longe e ingressar em uma faculdade de pedagogismo. Era uma simples redação, mas era também sua vida, sua realidade, o que tornava as coisas mais complicadas de contar. Talvez fosse melhor

simplificar tudo e escrever como se ela não estivesse falando dela mesma, imaginando que sua vida fosse perfeita.

Ela quase perdeu o ponto onde deveria descer, tão concentrada ela estava, mas pelo menos, ela tinha acabado de escrever tudo o que tinha visto em mente. O ônibus se foi, a rua quase vazia, resultado do horário, todo mundo estava almoçando naquela hora, era o que ela iria fazer também.

Diferente de todo mundo, quando ela descia do ônibus sentindo o estômago roncar, ela não se dirigia à sua casa, mas ela não reclamava. Todo lugar era melhor que aquele, onde ela foi feliz desde que nasceu e que um dia se transformou no pior local do mundo. Ela olha em direção à fachada branca decorada com plantas bem verdes e floridas, os olhos lacrimejaram com uma lembrança dolorosa que lhe veio à memória. Em outros tempos, quando ela descia do ônibus, ela corria e entrava na casa onde sua avó lhe esperava com seu tempero único e delicioso, mas ela já não estava mais ali.

Outras pessoas estavam lhe esperando na casa de frente. Ela abre o portão e sente um delicioso cheiro de carne cozida na brasa que a fizeram sentir o estômago aquecer e a boca salivar. Um carro diferente estava na garagem, Bárbara deveria estar com visitas, talvez alguém que ela ainda não conhecia. Ela deu de ombros. O que mais lhe importava naquele instante, era poder encontrar a pessoa que mais amava, que ela mais sentia falta no mundo e que não conseguiria viver sem, a razão de sua existência e alegria.

— Mama! Gritou uma doce voz.

Uma criança corre em sua direção com pressa, mas como ainda não tinha total equilíbrio do seu pequeno corpo, ela acaba tropeçando e caindo, mas não foi razão para que ela desistisse de continuar. Na mesma rapidez, ela levanta e continua seu caminho até encontrar os braços de Luísa.

— Laurinha, meu amor! Luísa se abaixou para acolher a pequena, que a abraçou no mesmo instante.

Ela adorava aqueles momentos quando chegava da escola e encontrava sua irmã, que ela cuidou desde que nasceu, como se fosse sua própria filha.

O sorriso de Luísa e o momento de afeto entre as duas irmãs encantavam seus espectadores. Ela percebeu um perfume diferente no ar e a presença de um estranho que lhe lançava um olhar admirado e pertinente. Ela encara o homem e, no mesmo instante, se sente constrangida e envergonhada.

— Luísa, meu amor, que bom que você chegou!

A voz familiar de Bárbara fez com que ela quebrasse o contato visual com o estranho, mas mesmo assim, ela sabia que ele ainda a observava.

— Venha, minha filha, deixe eu te apresentar. Ela corre em direção a ela e segura sua mão, levando-a em direção ao estranho. Esse é William, meu patrão. Continuou ela. Essa é a Luísa, a irmã da nossa Laurinha.

Não era como se ela não tivesse percebido a beleza daquele homem, mas chegar tão perto dele a fez pensar que se tratava de um daqueles astros de cinema desejado por todas as mulheres.

— Olá, Luísa! Disse ele. Ouvi muito falar de você!

A voz grave e sensual lhe causaram um frio na barriga.

— Olá! Disse ela simplesmente com um sorriso tímido segurando a mão estendida do homem.

O famoso inglês William Rickwood estava ali diante de seus olhos. O que ela sabia sobre ele era o que as pessoas contavam, e principalmente o que ouvia de Bárbara. A senhora trabalhava para ele há quase sete anos, e desde que se tornou governanta do estrangeiro, ela se apegou ao homem de tal maneira que o considerava como um filho, ela fazia elogios e sempre tinha um sorriso no rosto quando falava dele. O homem sempre foi discreto em relação a sua vida, mas isso não era motivo para ele não ter se tornado popular, pelo contrário, aquele mistério dava mais o que falar.

Às vezes em que William apareceu diante de seus olhos, foram poucas. Ela nunca tinha sido apresentada a ele, e quando o viu, fora só de longe quando ele costumava fazer suas tão esperadas aparições na praia para a prática de Kitesurf. As mulheres de todas as idades esperavam pacientemente para que ele aparecesse nas tardes ensolaradas e quentes, onde ele esbanjava seus músculos bem definidos que apareciam em cada centímetro de seu corpo. Quando ela sabia que William estava de volta na cidade, era através das alunas de sua escola e por Bárbara, que contava os dias para ele voltar.

Luísa sempre conheceu Bárbara, e desde que ela começou a trabalhar na casa de William, ela escutava seu nome quase todo dia, ouvia tanto que parecia até que ela o conhecia. Mas, por outro lado, a vida dele era um mistério para todo mundo. Os lugares que ele frequentava na cidade eram as praias, raramente fazia uma aparição em um evento importante, ou quando passeava no seu Jeep verde musgo, mas o lugar que ele nunca deixava de ir era o bar de dona Dilma. Ele adorava aquele bar pela simplicidade e o bom tempero, isso dizia Bárbara, que passava no bar todos os dias bem cedo, para comprar o café da manhã do patrão.

Nada mais se sabia sobre William na cidade, Bárbara dizia que ele era bem discreto, mas que era boa pessoa, tanto que desde que a mulher começou a tomar conta de Laurinha, ela pediu para ter as manhãs livres para cuidar da pequena, mas sempre que levava seu café da manhã a sua casa, ela estava acompanhada da criança que se apegou bastante a ele, a prova, naquele instante ela tinha descido dos braços da irmã e se jogado no colo de William.

Os dois pareciam terem se tornado bem próximos, pensou Luísa. O olhar de William encontrava-se com o dela com bastante frequência, e ela não podia negar que os olhos azuis e brilhantes dele lhe eram indiferentes, pelo contrário, ela sentia algo em seu olhar que não sabia explicar.

Bárbara e William falavam sobre coisas aleatórias, enquanto ele estava sobre a cadeira com Laurinha em seu colo, que brincava com uma panela de brinquedo e uma colher de

madeira. Quanto à Bárbara, ela terminava de preparar a refeição e a colocava sobre a mesa com a ajuda de Luísa.

— Estou sentindo um cheiro de churrasco delicioso! O homem que acabara de descer as escadas apressado sorriu alegremente ao ver Luísa.

— Jorge! Como se sente hoje? Luísa foi cumprimentá-lo.

— Estou bem melhor, minha filha! E você, como foi a escola hoje? Ele pergunta.

— Como todos os dias! Ela respondeu sem muito interesse.

— Que bom! Jorge se aproxima de William e pega Laurinha no colo. Será que eu também posso ter um pouco de atenção, Laurinha? Quando você está com o William, não quer mais saber de ninguém, não é sapequinha? Ele a enche de beijos e a pequena ri em ânsia.

Jorge era o marido de Bárbara, ele também era apegado a Laurinha e a Luísa, a vida do casal ficou bastante sem graça depois que o único filho deles recebeu uma boa proposta de trabalho nos Estados Unidos e se mudou para lá, e as visitas que ele fazia aos pais eram limitadas a uma vez a cada dois anos.

Quando todos já se encontravam à mesa, William se ofereceu para servir a carne que acabara de sair da grelha. Luísa foi a última pessoa que ele serviu antes dele mesmo, a elegância e a educação do homem eram bastante notáveis, era típico de um inglês e Luísa achava tudo aquilo bastante atraente.

As perguntas de William para Luísa eram cada vez mais frequentes, a simpatia do homem era irresistível e mais ainda era sua beleza. O rosto retangular e simetricamente perfeito e másculo, uma barba recém-feita, a pele clara e cabelos de um loiro acinzentado lisos e penteados para trás, em um corte moderno que lhe davam um charme ainda maior. Os olhos azuis brilhavam como dois diamantes, e quando ela os encarava, tinha a impressão de mergulhar no meio do oceano, e seus lábios bem desenhados e levemente finos se moviam com majestosidade quando ele sorria e falava.

No momento em que a refeição chegou ao fim, Luísa já se sentia próxima de William, era como se os dois se conhecessem desde muitos anos, mas a verdade era que o que eles sabiam um do outro era por meio de Bárbara e pela avó de Luísa que conheceu William quando ainda estava viva, e falar com ele naquele momento tão íntimo, fez com que os dois se tornassem ainda mais próximos, algo assim nunca havia acontecido nem com um e nem com o outro.

Já eram quase três e meia da tarde quando Luísa deixou a casa de Bárbara na companhia de Laurinha. Com um frio na barriga, ela atravessa a rua, assegurando que não tinha nenhum veículo à vista. Ela estava bem e feliz até aquele momento, mas ela se sentiu obrigada a encarar sua realidade. Uma mãe que não tinha senso maternal e um padrasto difícil de lidar, era isso que ela encontraria naquela casa, pelo menos não naquele momento. Se ela se livrasse com rapidez de seus afazeres domésticos, normalmente ela não cruzaria com eles.

Ela olhou para a casa à sua frente e engoliu em seco. A fachada era antiga, mas bem cuidada, podia-se ver um portão preto quase colado à porta de entrada de madeira marrom,

trepadeiras subiam até o telhado. Depois, com muito cuidado, ela insere a chave na fechadura e gira como se não quisesse fazer barulho, mas ao abrir a porta, ela se dá conta de que não tinha mais ninguém por ali. O forte perfume que sua mãe usava pairava no ar, o que significava que ela já tinha saído para o trabalho e só voltaria à noite quando ela já estaria dormindo em seu quarto.

Mesmo que ela não fosse encontrar com sua mãe e nem com seu padrasto, ela teria que cuidar das tarefas da casa, ou sua mãe a arrancaria da cama à meia-noite para lhe obrigar a fazê-lo. Cuidar de sua irmã e da casa já não lhe abalava mais, contanto que ela ficasse longe da mulher que lhe pôs no mundo e seu companheiro, usuário de drogas, já era mais-que-perfeito para ela.

Após colocar Laura para dormir tranquilamente em seu quarto, ela começa seus afazeres domésticos. A casa por dentro era bem conservada, ela tinha passado por uma reforma dois anos atrás, paredes e pisos em cores claras, móveis simples, mas modernos. Luísa ajudou na escolha de parte daquela decoração, lembrou ela, prendendo os cabelos em um rabo de cavalo pronta para começar sua faxina diária.

Ela começou levando para a cozinha toda a louça que se encontrava espalhada pela casa, resultado das visitas que seu padrasto recebe todas as noites depois que ele chega em casa. Já era um costume a casa ficar cheia depois das dez, pessoas de todos os tipos chegavam para beber, fumar, jogar conversa fora e, sem esquecer, dos produtos “especiais” que seu padrasto oferecia. Essas reuniões aconteciam todas as noites, e nos dias da semana a casa não ficava cheia, ao contrário dos fins de semana em que a música vibrava nas paredes, pelo menos até às dez da noite, vendo que os vizinhos reclamavam, era quando ela e Laura podiam pegar no sono.

Suspirando fundo, ela continuou seus afazeres, colocou a roupa na máquina de lavar, enquanto fora lavar toda a louça que não era pouca, limpou os móveis, organizou a sala e a cozinha, limpou o piso e, por fim, o banheiro social. Aquela peça era a única que não lhe dava nenhum prazer de limpar, pois era usado pelas visitas que, em um estado deplorável, deixavam uma sujeira sem igual. Mas esperta como era, ela já tinha sua astúcia para poder limpar o local sem ter tanto contato com a sujeira. Um avental, botas de plástico, luvas e uma máquina de limpeza de alta pressão davam conta do recado em um pouco espaço de tempo.

Quase duas horas mais tarde, a casa inteira estava limpa, com o tempo ela adquiriu certa habilidade e criou astúcias para poder fazer todo seu trabalho em tempo recorde. Por sorte, sua mãe lhe proibiu a entrada em seu quarto, o que lhe aliviava de mais trabalho. Já era hora de acordar a Laurinha, ela precisava do seu lanche da tarde, depois ela a levaria ao parque e quem sabe na volta ela passaria no supermercado para comprar algo que faltava para a casa, e quando voltasse ela teria que preparar o jantar.

Na geladeira e nos armários não tinha muita coisa, há tempos sua mãe não fazia compras que suprissem as necessidades da família. Mas algo não poderia faltar, bebida alcoólica nos armários, cerveja na geladeira, e boa carne no congelador, mas não era para uso da família,

pelo menos, não parte dela, Luísa e Laura não podiam usufruir, aquela era reservada para os churrascos de fim de semana que seu padrasto organizava para seus amigos.

O que ajudou as duas irmãs e que ajuda até então, foi o trabalho esforçado de sua avó. Luísa viveu com ela desde que nasceu, e há pouco mais de um ano, a única pessoa que ela amou de verdade depois de Laura, faleceu em um acidente de trânsito.

Mercedes foi a mulher que criou Luísa como se fosse sua própria filha e, em seguida, fez o mesmo com Laura. Lhes deu amor, educação e tudo o que uma criança tinha direito e necessitava. Ela havia trabalhado como gerente do banco mais importante da cidade durante mais da metade de sua vida, o que lhe permitiu ter sua casa e juntar dinheiro o suficiente que ela reservou a sua descendência.

Lídia, a mãe de Luísa, nunca foi boa mãe, mas também não era a mulher que era hoje. Ela sempre esteve presente da maneira dela, não se importava em dar amor e carinho à filha, elas tinham a avó para isso, ela preferia trabalhar, ter sua independência e viajar nos fins de semana com os amigos, curtir a vida como uma jovem livre. Foi em uma de suas aventuras fora da cidade que ela acabou conhecendo o pai de Luísa, uma aventura de uma noite com um desconhecido. Bem mais tarde, ela conheceu o pai de Laura, Roberto.

Foi ali que Lídia mudou, se antes ela viajava nos fins de semana, após conhecer seu companheiro atual, ela quase não parava em casa, sumia durante dias sem nem mesmo avisar, às vezes uma ou duas semanas inteiras. E quando aparecia, estava sempre bêbada e com um humor que ninguém suportava. Ela se trancava em seu quarto e dormia o tempo inteiro, e quando acordava, desaparecia no mundo novamente.

Com a notícia de que Laura estava a caminho, ela recorreu à mãe, que acolheu Roberto em sua casa. Mas antes de tal coisa, ela exigiu da filha que parasse de beber tanto e fosse mais responsável, disso Luísa lembrava, pois ficava atrás da porta a escutar os sermões que sua avó dava em sua mãe.

Durante toda a gravidez, Lídia se comportou bem, parou de beber e até deu uma certa atenção à Luísa. Logo que Laura nasceu, ela não suportou o fato de ter um bebê novamente e voltou a ser como sempre foi, deixando as duas filhas em total responsabilidade da mãe, voltou ao trabalho, às festas e às sumidas de costume, mas com menos frequência desta vez.

Mercedes sempre se deu conta da situação da filha e sabia que não tinha muita coisa que ela pudesse fazer para reverter a situação, ela aceitou calada, e se dedicou a cuidar de Laura assim como fazia com Luísa, e por amor às netas, ela trabalhava duro, fazia horas extras para manter a casa, as crianças e uma babá, uma jovem moça que não pedia um salário alto para cuidar de Laura. E quando seu expediente acabava, Luísa tomava o lugar da babá até que sua avó chegasse do trabalho.

Luísa não era boba, ela sabia do esforço de sua avó e nunca reclamou de nada, pelo contrário, ela ajudava a cuidar de sua irmã mesmo sendo tão jovem. Quando o bebê acordava durante a noite, ela mesma levantava e trocava a fralda da pequena, lhe dava a mamadeira e a colocava de volta no berço, fazia tudo assim como sua avó lhe tinha ensinado. Ela também

se esforçava em ajudar nas tarefas da casa, aprendeu a cozinhar desde cedo, para evitar que sua avó se esforçasse mais depois de um longo dia de trabalho.

Mercedes tinha por volta de sessenta anos, bem cuidada e forte, aparentava ser bem mais jovem. A beleza, bondade e simpatia de Luísa foram erradas da avó que, por uma tragédia, a deixou sozinha com um fardo muito grande para uma menina de apenas quatorze anos.

Depois do falecimento de sua avó, as coisas entre Luísa e sua mãe pioraram de tal maneira, que a jovem moça fazia de tudo para evitar que fosse até mesmo escutar sua voz. Luísa havia herdado a casa, o que deixou sua mãe furiosa, e mesmo que ela não admitisse, detestava a filha por tal coisa. E, como que para puni-la, ela a tratava da maneira mais cruel possível.

Quando Lídia voltou para casa, depois da breve leitura do testamento no escritório do advogado de Mercedes, ela fez as malas e saiu de viagem. Luísa estava sentada no sofá da sala com sua irmã no colo, ela lhe alimentava com uma mamadeira que ela mesma tinha preparado, ela viu a mãe se dirigir ao quarto com seu companheiro sem nem mesmo encará-la ou lhe dirigir a palavra, mas Luísa sabia que era por conta da herança que a mãe não recebeu, ela soube do desgosto da mulher quando a encarava enquanto o advogado lia o testamento, e em seguida, Lidia lhe lançou um olhar mortal quando o advogado disse que precisava ficar a sós com a jovem moça. Lídia apareceu quase meia hora depois com uma mala, atravessou a sala e saiu pela porta da frente sem dizer uma palavra, seu companheiro seguiu do mesmo modo.

Quase um mês depois, ela voltou como se nada tivesse acontecido. No mesmo dia, ela preparou um jantar e chamou Luísa para se juntar a eles, o que nunca havia acontecido antes. Lídia tinha os olhos vermelhos, mas não porque tinha chorado, era resultado do abuso de drogas ilícitas. Luísa se sentia apreensiva, sua mãe parecia estar calma e mantinha um tom de voz baixo. No meio da refeição, ela decide falar.

— Vamos ficar aqui, na sua casa, porque você ainda é de menor, e não podemos lhe abandonar. Lídia levou o copo de vinho à boca e bebeu em seco. Espero que isso não te incomode!

Luísa estava sentindo uma vontade enorme de chorar, mas, nos últimos dias, ela já tinha chorado tanto com a dor de perder sua avó, que parecia ter perdido o estoque de lágrimas.

— Eu nunca disse isso! Ela engoliu em seco. A senhora sabe que pode ficar aqui...

A palavra “mãe” quase saiu por seus lábios, mas não tinha sentido algum, pois ela não usava aquela palavra há anos.

Lídia ficou calada todo o jantar, até que ela levantou da cadeira de uma vez.

— Vou deixar a cozinha para você limpar, afinal a casa é sua, não é? A mulher parecia querer aumentar o som da voz em plena cólera, mas decidiu respirar fundo e se dirigir ao corredor que levava à sala, então, deu meia volta e encarou a filha. Já que é assim, você cuide da sua casa, da comida e de todo o resto, eu quero mais é que você se vire. Não é dona de casa? Então... Vai! Cuide da sua casa!

Era evidente que Lídia não esperava que sua mãe deixasse a casa para a neta e não para ela. Luísa não entendia direito o porquê de tanta raiva, sim, ela tinha ficado chateada por não receber da mãe toda a herança, apenas uma quantidade miserável em dinheiro.

Dali em diante, Lidia só falava com a filha em tom grosseiro, a obrigava a fazer todos os serviços da casa. Quando chegava do trabalho, se visse louça suja na pia, ou algo para fazer, ela reclamava sem parar, batia na porta do quarto que era de sua mãe que agora era ocupado por Luísa e Laura, para jogar na cara da filha que se ela era a dona da casa ela tinha que cuidar de todas as tarefas domésticas sem exceção. Quando ela estava alcoolizada, as coisas pioravam. Certo dia, ela chega em casa, após ter passado a tarde inteira em uma festa da cidade, e encontra a louça do almoço que ela mesma havia usado com seu companheiro ainda sobre a pia. Já eram duas da manhã quando ela entra no quarto de Luísa e a puxa da cama pelo braço e a arrasta até a cozinha. Em plena histeria, ela esfrega o prato sujo no rosto da filha, que estava sendo assistida por um pequeno grupo de amigos de seu padrasto.

Luísa estava assustada e deixava as lágrimas rolarem sobre o rosto. Lídia não se emociona com o estado trêmulo da filha e a empurra sobre a pia e lhe ordena a lavar a louça suja, depois acrescenta que nunca mais queria ver desordem ou sujeira naquela casa, e que no dia seguinte ela não queria ver nenhuma sujeira.

As agressões não vinham só de Lídia, mas de seu padrasto também. Laurinha havia ficado doente, e não desgrudou dela a noite anterior e o dia inteiro, o que a deixou exausta, assim ela acaba esquecendo de tirar o lixo. Sua mãe não perdeu a ocasião de arrancá-la da cama e obrigá-la a jogá-lo fora, e como se não fosse o suficiente, ela reclamou bastante e Luísa em plenos nervos deixou escapar um resmungão. A mulher ficou furiosa e começou a discutir, e pela primeira vez Luísa decide se rebelar, jogando para fora toda a raiva que sentia, chegando mesmo a tratar sua mãe de “drogada”.

O padrasto de Luísa, que ali assistia tudo, segura sua esposa e a leva para longe. A garota fica parada, tremendo, ainda buscando se acalmar antes de entrar no quarto para não ter que acordar a irmã que tinha finalmente pegado no sono. Não tinha se passado três minutos, seu padrasto entra na cozinha e a encara, se aproxima dela em passos largos e apressados. Ele lhe acerta um soco no rosto que a fez cair no chão violentamente.

Capítulo 2

No dia seguinte daquele episódio violento, ela foi proibida de contar para quem fosse o ocorrido, e também não a deixaram ir para a escola e nem nos dias seguintes. Seu rosto estava bem marcado e eles temiam chamar atenção. Lidia parecia não se importar com o que aconteceu, mas desde então, ela não ousava encarar a filha, pelo menos não quando estava sóbria.

Outra agressão aconteceu. Era um sábado à noite e Luísa tinha acabado de limpar a cozinha quando um dos amigos de seu padrasto chegou na peça e sentou-se na cadeira para

encará-la. Ele a secava com os olhos e seu olhar era malicioso. Luísa logo percebeu as intenções do homem quando ele se aproximou e a segurou pela cintura. Rapidamente, ele tenta lhe beijar os lábios quando ela lhe empurra, mas o homem não se deixa intimidar. Luísa estava apavorada e ameaçou o homem, dizendo que ia gritar se ele não se afastasse.

Quando o padrasto chega à cozinha, o homem se afasta e pede um copo de água, tentando disfarçar. Luísa se recusa a servi-lo, o que deixa seu padrasto furioso. O homem deixou a cozinha em evidente embriaguez, o que deu a chance a Rodrigo de mais uma vez espancar Luísa, mas dessa vez, ele a espancou na barriga, para que os hematomas não fossem visíveis. Outras dessas agressões ocorriam quando Luísa negava os avanços de seus amigos, ou quando Laura chorava a noite e Luísa não conseguia acalmar a criança, seu padrasto chegava ao quarto e dizia para ela fazer a criança parar de chorar ou ele a jogaria na rua, ameaçando ela enquanto a segurava forte pelos cabelos. Luísa se via obrigada a sair para o jardim com sua irmã no colo no meio da noite até que ela se acalmasse.

Seu padrasto a odiava e sua mãe também. E o fato de ela ter herdado a casa contribuiu muito para que sua mãe a tratasse de tal maneira, foi como a gota que faltava para que Lídia perdesse o controle com sua filha, sem contar no uso abusivo de álcool e drogas. Por sorte, Lídia ainda não tinha descoberto sobre o resto da herança que sua avó lhe deixou.

No dia da leitura do testamento de Mercedes, quando o advogado pediu para ficar a sós com Luísa, alegando que precisava ler uma carta para a jovem em nome de sua avó, a garota se inteirou que não se tratava exatamente da leitura de uma carta. Existia sim uma carta, mas não era exatamente o motivo pelo qual o advogado queria vê-la a sós.

Mercedes havia economizado uma boa soma durante anos, ela também preservou parte da herança que recebeu dos pais e depois do falecido marido, o avô de Luísa, que recebia um bom salário com sua carreira militar. Esse dinheiro seria entregue em pequenas quantidades a ela todos os meses pelo próprio advogado até ela atingir a maioridade. Sua avó pediu sigilo total sobre o assunto e que o advogado fizesse o possível para manter tal coisa em segredo, pois ela temia que, se sua filha descobrisse, ela arrancaria da Luísa o que lhe era de direito. Por sorte, Lídia não sabia de dinheiro nenhum. Mercedes vivia modestamente e sua filha não desconfiou nenhum pouco que sua mãe tinha economias guardadas no banco. A mulher também não buscou saber mais detalhes da herança, certa ela de que sua mãe havia somente a casa como bem material.

Na mesma noite de tal episódio, Luísa leu a carta deixada por sua avó que dizia:

"*Minha pequena Luísa.*

Se você estiver lendo essa carta, é sinal que eu já não estou mais com você e a Laurinha.
Saiba que se eu parti, não foi escolha minha, e sim porque foi a minha hora.
Minha pequena, eu quero que você seja forte e cuide bem de você e da nossa princesa. Ela não terá outra mãe além de você, e esse é o único pedido que lhe faço. Cuide da Laurinha

como se fosse seu tesouro mais precioso, como se fosse sua filha, assim como eu fiz com você.
Eu tenho certeza de que sua vida não vai ser fácil, mas seja forte e tenha fé.
Outra coisa que lhe peço é que não odeie sua mãe! Ela tem muitos defeitos, mas é sua mãe. Mas também, não confie nela. Ela é minha filha e reconheço que falhei na educação dela e hoje, se ela é do jeito que é, a culpa é minha.
Eu lhe deixo a minha casa e o meu dinheiro. Não é muito, mas vai te ajudar futuramente. Pense bem antes de usá-lo. Sabe, o dinheiro acaba rápido, ainda mais quando não é em muita quantidade.
Todos os meses, o advogado lhe entregará em mãos próprias uma quantia que lhe ajudará a pagar os gastos da casa todos os meses, pagar as contas, comprar alimento para você e sua irmã, e também fraldas e todo o resto. Caso você precisar de mais, fale com o Senhor Medeiros, ele pode lhe recusar se perceber que você não está precisando de verdade, e não o odeie por isso, ele sabe que sua mãe pode tentar lhe obrigar a pedir dinheiro caso ela descubra da existência dele, e por isso, você deve guardar esse dinheiro em segredo.

Eu amo vocês, e sempre amarei.
Beijos.
Vovó"

Desde então, Luísa decidiu que, por nada, contaria à mãe ou a deixaria saber da existência daquele dinheiro. Daí, entra Bárbara na história. Sua vizinha, que foi grande amiga de sua avó, prometeu cuidar das duas crianças caso algo lhe acontecesse. Lidia sabia que Bárbara cuidava de suas filhas e estava segura de que as fraldas, o leite e todo o resto vinha de Bárbara, assim pensava ela, o que aliviava Luísa de uma preocupação.

As duas irmãs dormiam no quarto que era de sua avó, não que fosse novidade, pois as duas dormiam ali desde sempre. Ali, ela tinha um grande *closet* e dentro dele um frigobar, um dos poucos luxos de sua avó. Lá ela escondia tudo o que comprova, o que a alimentava com Laurinha, vendo que antes, quando ela os conservava na cozinha, acabava desaparecendo. Sua mãe e seu padrasto não se preocupavam se as duas crianças iriam ficar sem comer, pois eles pensavam que a vizinha seria caridosa de alimentar as filhas como sempre fez.

Além da crueldade da mãe, do padrasto e dos amigos deles, Luísa enfrentava outra dificuldade, a de criar um bebê sozinha. Ela amava a irmã e podia até sentir o mesmo amor que uma mãe sente por um filho, mas não era nada fácil para ela, principalmente com a vida que levava e tudo o que tinha que suportar, afinal, ela só tinha quinze anos. Quando estava muito cansada, ela se estressava, deixava a criança chorar sozinha no quarto em pleno desespero, mas logo a consciência lhe machucava e ela voltava para ver o rostinho de Laura cheio de lágrimas, o que lhe enchia o coração de pena, então ela lhe pegava no colo e lhe dava um abraço, se esforçava para acalentar a criança de todas as maneiras.

Bárbara era de grande ajuda, desde que sua avó faleceu, ela cuida das duas como pôde. Pelas manhãs, como não trabalhava cedo, ela ficava com Laura para que Luísa pudesse ir para a escola. Ela fazia as compras e preparava o jantar que Luísa leva para casa quando voltava da escola, assim ela não precisava se preocupar em fazer comida para as duas, mas tinha que cozinhar para sua mãe e seu padrasto, caso contrário, ela poderia ser agredida se eles tivessem sob efeito de alguma substância. Ela lhes preparava o jantar no fim da tarde, isso quando tinha algo para cozinhar, o que com mais frequência acontecia de não ter.

E assim era a vida de Luísa, dura para uma moça tão jovem, e mesmo assim, ela se mantinha forte. Ela evitava encontrar a mãe e o padrasto e tudo o que poderia irritá-los. Se trancava no quarto com sua irmã quando as visitas indesejadas chegavam, ficando longe de qualquer tipo de confusão.

O quarto das duas irmãs ficava ao lado da sala de jantar, quase toda a casa estava entre elas e a sala onde se faziam as reuniões de sua mãe e seus amigos. Quando a música estava meio forte, ela ligava a TV e via um filme enquanto Laura brincava até cair no sono. Logo que os vizinhos reclamavam do barulho e ameaçavam chamar a polícia, a música em alto volume parava, então, ela desligava a TV e adormecia.

A escola era seu momento de prazer, não só porque ela gostava de aprender, mas porque ela estava livre da sua infeliz realidade. Mas a vida de Luísa estava prestes a mudar, não se sabe se era para melhor ou pior, mas mudaria de maneira radical.

Em uma segunda-feira, quando Luísa volta para casa depois da escola, ela vê um movimento estranho na frente de sua casa, decididamente ela não iria ver o que estava acontecendo. E como de costume, ela entra na casa de sua vizinha onde encontraria sua pequena irmã, amigos leais e paz.

Pela segunda vez, ela se encontrou com William, engraçado porque naquela manhã na escola, suas colegas de classe tinham falado dele. As garotas sonhavam com ele e desejavam ter uma chance de se aproximar do homem, mesmo que ele parecesse mais velho que elas, não as incomodavam.

— Luísa! Como vai? Ele disse logo que a viu.

— Com fome! Ela riu. Laurinha se comportou bem? Ela segura a mão da irmã que se encontrava no colo de William.

— Como um anjo! Hoje fomos à praia bem cedo. Ele voltou a olhar a Laurinha antes de continuar. Ela adora brincar na água, não é pequena linda?

Luísa ainda não tinha se acostumado com o tanto que sua irmã tinha se apegado a ele. Mas o que mais lhe chamava atenção naquela cena era aquele lindo homem e seu olhar terno sobre Laurinha, era como ver um pai e uma filha. Ela sorriu com tal pensamento. Luísa sabia que uma presença paterna fazia muita falta, ela mesma cresceu sem pai e Laurinha teve a má sorte de ser filha de quem era, Rodrigo nunca a tinha segurado no colo e mesmo que vivesse em baixo do mesmo teto que a filha, era como se ela não existisse para ele e tão pouco para a mulher que as pusera no mundo.

— Você gosta de praia, Luísa? Ele lhe pergunta, arrancando-a de seus pensamentos.

— Adoro! Ela responde simplesmente.
— Deveríamos ir à praia com Laurinha qualquer dia desses, ele sugeriu.
— Boa ideia! Luísa lhe lança um sorriso tímido.

O que suas colegas de escola não dariam para receber um convite de William para ir à praia, ela pensou. Ela mesma se sentia lisonjeada, sempre recebia convites dos garotos de sua escola ou algum rapaz que se aproximava dela, o que não eram muitos. Sua vida social era bem limitada, mas vindo de William, lhe fazia sentir um friozinho na barriga.

Finalmente, Laura pede colo à irmã mais velha. Luísa lhe lança um sorriso doce, a segura nos braços e lhe beija a testa. William observava a cena admirado e em silêncio.

Luísa senta na cadeira de frente a William, que insistia com seus olhares, o que a fazia corar cada vez que ela se deparava com seu par de olhos azuis brilhantes. Durante a refeição, ela ficou em silêncio, por algum motivo, aquele homem a intimidava, mesmo que ela tentasse se descontrair.

William lhe encarava menos ao perceber que a moça mantinha sua postura fechada e as bochechas que coravam a cada troca de olhares. Mesmo que ele se divertisse com as maçãs do rosto de Luísa que se coloriam, algo lhe incomodava, e ele nem sabia o que, ou por quê.

A refeição durou um bom momento, Bárbara e William conversavam sobre assuntos diversos. Luísa não podia ignorar a beleza e elegância do homem à sua frente, cada palavra que ele dizia soava como uma música, cada movimento de seus lábios era fascinante como o dançar das ondas sob o pôr do sol, e seu sorriso era tão radiante que seduzia inconscientemente. Luísa podia sentir algo que emanava de William, era possivelmente o mesmo que sua irmã sentia em relação a ele. William poderia ser um cavalheiro encantado da vida real.

William se despede das duas irmãs. Ele sentiu que voltaria a ver as duas em breve, e estranhamente, ele desejava que fosse logo.

Em uma sexta-feira no fim da tarde, Luísa foi até a padaria do bairro comprar o leite que faltava. Na volta, passando em frente ao bar mais bem frequentado da região, ela se depara com um rosto familiar. Bárbara estava sentada à mesa e acenou com a mão, Laura riu em esteira ao ver a mulher que lhes esperava com braços abertos.
— Meu Deus! Coisa linda da tia! Disse ela segurando Laura no colo.
— Voltou cedo do trabalho? Luísa estava curiosa de saber o que sua vizinha e melhor amiga vazia ali àquelas horas da tarde.
— Eu vim acompanhar William, que queria muito comer a empada da dona Dilma. Ele adora! Ela olhou em direção ao homem que sorria lindamente à moça que flertava com ele.

William estava mais lindo que nunca, Luísa não teve dificuldades de encontrá-lo em meio a todas aquelas pessoas. Como era uma sexta-feira, o bar estava cheio, turistas e nativos preenchiam as mesas, uma música alegrava o ambiente, crianças corriam para todos os lados e as pessoas comiam e se divertiam. Enquanto isso, William se encontrava no balcão de madeira decorado com bambu, aparentemente bem acompanhado.

Luísa não podia parar de olhar curiosa em direção a ele, que estava em um bom bate-papo com Tamares, a filha dos donos do bar, uma jovem de vinte e poucos anos, bela e esbelta, do tipo sedutora e bastante simpática. Os dois pareciam distraídos com a conversa, mas dava para perceber que Tamares mantinha um interesse bem maior que William.

— Eu queria falar com você, agora que estamos sozinhas... Começou Bárbara obrigando Luísa a encará-la. O homem que estava na sua casa outro dia... é muito perigoso. Parece que é ele o mandachuva da região. Ela se aproxima e segura a mão de Luísa. Minha filha me escuta. Aconteça o que acontecer, não se aproxime dessa gente, e se ele chegar na sua casa e você estiver, dê um jeito de fugir e vá direto para a minha casa.

Bárbara tinha um olhar bastante preocupado, ela deveria saber exatamente do que estava falando e um calafrio percorreu a coluna de Luísa que engoliu em seco. Ela sabia que sua mãe e seu padrasto eram usuários de drogas, mas pelo tom de Bárbara, o caso era bem pior do que ela imaginava. Poderia ser sua mãe uma traficante? Ela se perguntou.

— Eu não sei o que esse homem queria com sua mãe e o marido dela, mas coisa boa não pode ser. Continuou a senhora em um tom baixo, se certificando de que ninguém em sua volta entenderia o que ela tinha a dizer, a não ser Luísa. Ouvi dizer que ele não aparece em público facilmente, e se ele foi até sua casa, não foi para uma simples visita. Fique atenta.

Bárbara põe a mão dentro da bolsa que tinha sobre suas pernas e tira um telefone celular que ela lhe entrega rapidamente.

— Se algo acontecer, ligue para esse o meu número que está salvo. Se não puder falar, apenas deixe chamar que eu atendo na hora, e se eu não ouvir sua voz eu já sei o que tenho que fazer. Ela encara Luísa e depois desvia o olhar para Laura que brincava com o sexto sobre a mesa. Eu vou estar aqui sempre, tá bem?

Ela balançou a cabeça em aprovação.

William avistou Luísa, que o prendera com o olhar, mas a moça desviou os olhos na direção oposta como que querendo lhe evitar, mas ele não pode ignorar sua presença. Por algum motivo, ele estava feliz em vê-la.

Ele não parava de observar a beleza da moça que, distraída, conversava com sua funcionária à mesa a poucos metros de distância. Quanta beleza, quanta delicadeza e doçura, pensava ele. Seus longos cabelos castanhos, compridos até a cintura, dançavam levemente no ar graças à brisa que por ali passava. As mechas mais claras por conta do sol brilhavam sob os raios do fim da tarde, os olhos doce cor de mel seguido de um nariz pequeno e fino, lábios volumosos e avermelhados, que naquele instante recebiam as carícias de seus dedos para tirar as lisas mechas dos longos cabelos que insistiam em lhe colar sobre a boca. Uma blusa colada de alças finas na cor verde-esmeralda deixava marcada sua cintura fina, um short jeans não muito curto, mas que deixava à mostra parte de suas longas pernas bem torneadas. Naquele instante, ele contemplou os movimentos da moça, ela era delicada e discreta, tudo nela era inocente e lindo.

— Então são as mais novinhas que chamam a sua atenção?

A voz de Tamares lhe tirou dos pensamentos.

— O que? De início, ele não se deu conta do que ela estava falando, mas depois que seguiu o olhar da moça em direção à Luísa, ele compreendeu. Não! Claro que não! Ele tomou o último gole da bebida que lhe foi servida minutos antes. Eu não costumo sair com menores! Brincou ele.

— Hum... Achei que tinha uma rival! — A moça riu.

William não pode ignorar o flerte e sorriu. Mas seu interesse mesmo era Luísa, e Laura, ele não poderia esquecer o quão encantado ficou com aquele lindo bebê. Era como se Laurinha tivesse feito surgir nele um instinto paternal com certa intensidade.

— Você pode me dar esses cardápios? Acho que você terá mais duas clientes hoje. Ele sorriu lindamente, fazendo a moça corar.

Luísa quase tomou um susto quando percebeu que William estava ali diante dela, ela não o viu se aproximar.

— Temos duas lindas convidadas, Bárbara?

Naquele instante, o sotaque quase imperceptível de William soou mais forte. Luísa o encarou e não pôde deixar de sorrir. Ela sentia uma atração por aquele homem e sabia que deveria ser pelo fato de ser um homem bom, assim pensava ela, pois não teria outra explicação para que Laurinha se entendesse tão bem com ele, logo ela que não se dava bem com qualquer pessoa.

— Cadê a menina mais linda do Brasil? Ele pegou Laurinha no colo e a levantou um pouco mais alto que sua cabeça, a fazendo rir histericamente.

William não demorou para sentar à mesa, desta vez ele senta ao lado de Luísa, que corou instantaneamente.

— Trouxe esses cardápios, escolham o que quiserem, vocês são minhas convidadas. Disse ele, pondo os cardápios sobre a mesa e ajeitando Laura em seu colo.

— Obrigado! Disse Luísa ao tentar lhe evitar seu olhar penetrante, mas não obteve sucesso. Ela também queria recusar o convite, mas sua boca agiu ignorando sua voz interior.

Ela percebeu que era a primeira vez que recebia um convite de um homem. Todas as vezes que foi ao restaurante ou algum lugar como aquele, foi na companhia de sua avó. Também era a primeira vez que Laurinha comia fora, e por sorte, ela carregava em sua bolsa uma câmera fotográfica que tinha sido o último presente que recebera de Mercedes, que mesmo com as dificuldades, sempre tentava lhe presentear com tudo aquilo que ela desejava. Não que ela tivesse gostos extravagantes, pelo contrário, aquela câmera fotográfica tinha sido seu desejo mais caro, e nem era uma dessas muito sofisticadas e caras.

Logo que a comida foi servida, Luísa observava sua irmã, que ainda se encontrava no colo de William, comendo com todo apetite, as batatas fritas ao forno. Sem poder resistir, ela tira sua câmera da bolsa.

— Hoje é a primeira vez que Laurinha come fora! Ela disse tímida. Você se incomoda se eu tirar uma foto? Ela encarou William com um sorriso tímido.

— Claro! Mas eu tenho uma ideia melhor. Disse ele, olhando em volta.